

FOGÃO DE





LENHA

poemas de

**Roseana
Murray**

APRESENTAÇÃO

O fogo, descendente da primeira explosão da matéria. Do primeiro homem, da primeira mulher, o cozinhar, o alimento do corpo e da alma. O cheiro da lenha a crepitar, a intimidade, as vozes das crianças - "lá fora as estrelas escrevem com luz". A poesia de Roseana Murray alumia, surge suave, ave, feito brando fogo, iguaria que faz sonhar. O anjo da saudade passa por ali, pelo Fogão de Lenha, a família em volta, na montanha ou na planície, no coração do Brasil, numa pequena aldeia da Polônia. Alguém sorri mais alto. Do Alto. E assim seja.

Cristiano Mota Medens



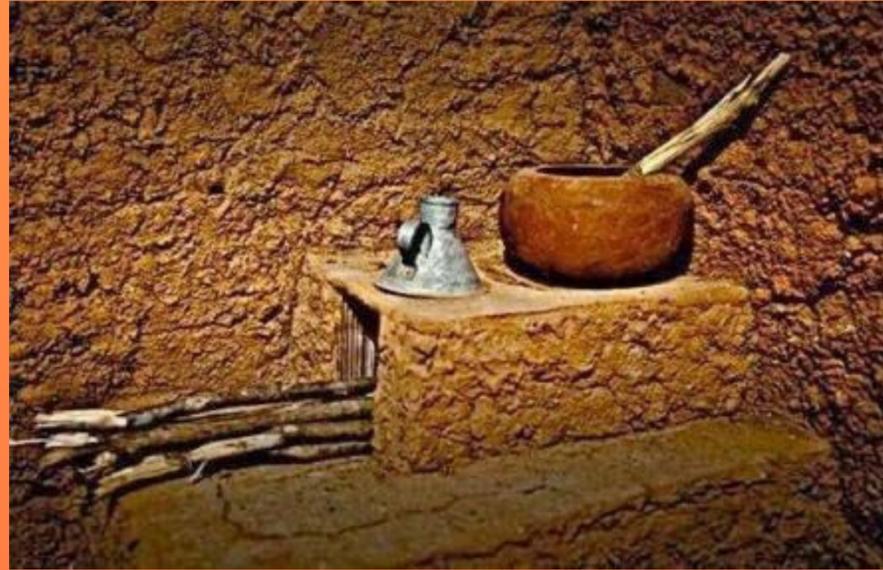
Eu, Roseana Murray, brasi leira
e poeta, com muitos E.books
gratuitos para as Escolas Públicas,
com muitos livros publicados,
com muitos prêmios, declaro
para os devidos fins que:

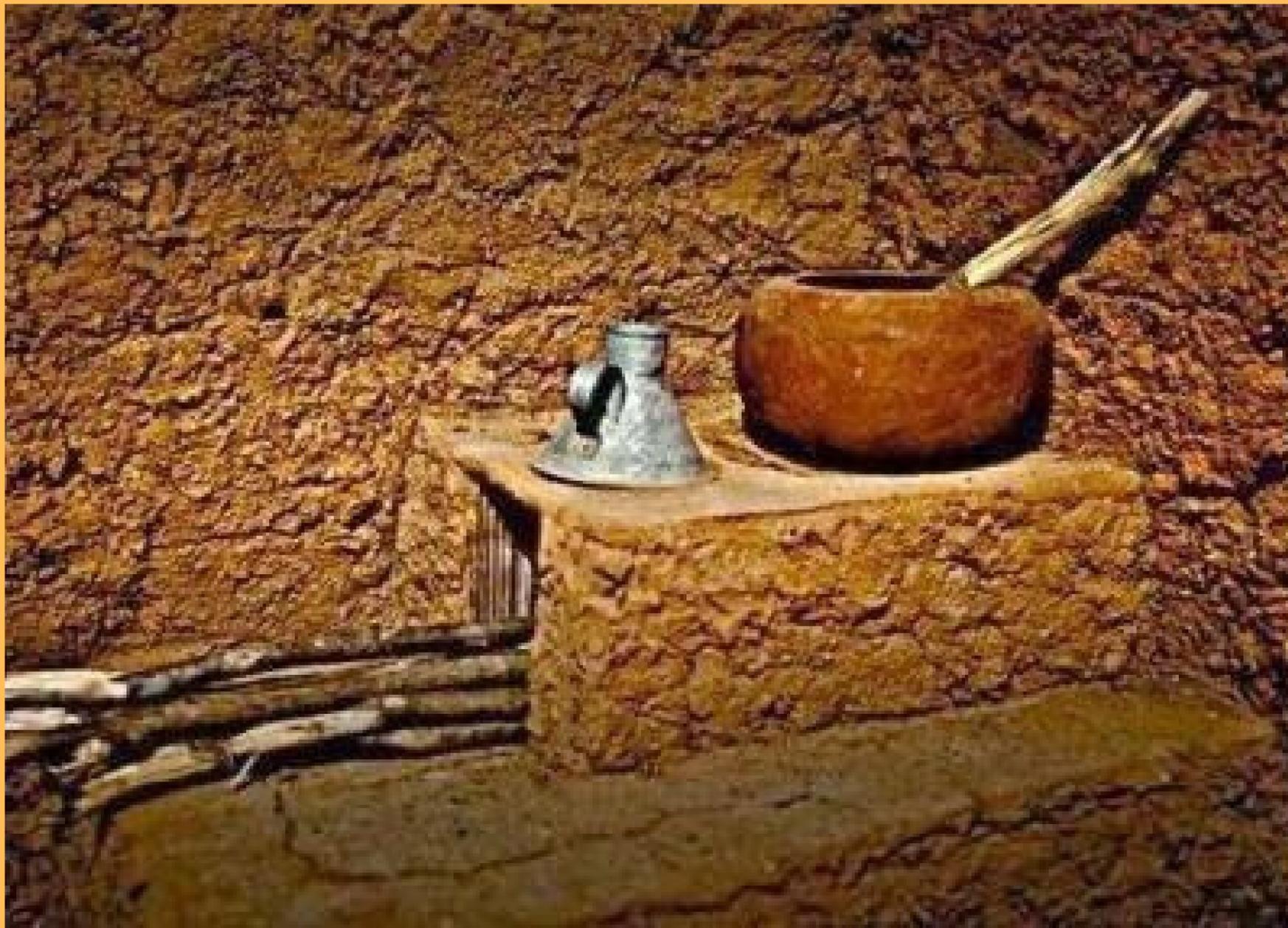
Sou perdidamente apaixonada
por fogões de lenha e resolvi fazer
uma coleção deles para colocar
poemas, como se fossem a lenha
no fogo, para que aqueçam
o coração do leitor e tragam
perfumes e lembranças.

Roseana Murray

Para Cinéas Santos, meu amigo poeta e artesão dos sentimentos, menino grande do Sertão do Piauí, que me deu a primeira foto do primeiro poema, de onde nasceu a ideia.

Roseana Murray





**Uma trempe faz milagres:
Café, mingau, canjica,
feijão com lingüiça
e farinha,
abóbora com carne seca.
Um dia uma coisa,
e outra depois,
esperando na fila.
O fogo crepita, alumia.
Lá fora as estrelas
escrevem com luz.**



**Pela janela
as árvores vigiam
a hora de acender o fogo
para passar o café,
com água fervendo
e a primeira luz azul.**



**O fogo tem a memória
dos antiquíssimos
sentados à sua volta.
As mãos que arrumam
a lenha,
trazem mãos que existiram
no mesmo gesto.
O perfume do fogo
inunda as panelas.**



**Feijão no fogo
esperando visita.
As panelas brilham
de pura alegria,
a casa crepita.
E depois arroz
e farofa de ovo,
batata frita.**

A porta já está aberta...

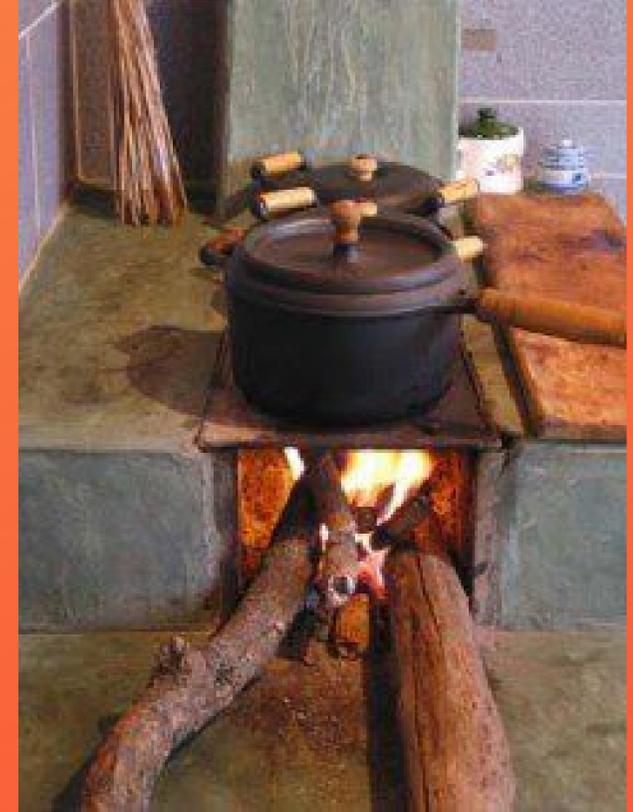


**Um banquinho na beira
do fogão, enquanto
a lenha estala,
carrega o pensamento
para tantos outros tempos
e a comida é cozida
tão lentamente, que até
o relógio, com preguiça,
se atrasa.**



**A casa
nem foi acabada ainda
e o fogão, estalando
de tão novo, anuncia:
comida no fogo
pra barriga vazia!**







**Hoje é dia de fritada,
os ovos já esperam,
quentinhos, buscados
no galinheiro,
o queijo feito em casa,
tirado direto da vaca
Mimosa, de olhar doce.**



**Um banquete no fogo,
porque hoje é domingo,
pé de cachimbo
e a família toda ajuntada
na roça,
vem para saborear:
frango com quiabo,
feijão tropeiro e arroz,
cuscuz de legumes
da horta,**

**e de sobremesa
doce de leite, goiabada
feita no tacho, com queijo
desmanchando de fresco.
Depois, nas cadeiras lá fora,
as roupas dançando
no varal,
ninguém para de conversar.**



**A vassoura ja varreu
a cozinha,
o fogo desde cedo aceso,
a comida pinta as paredes
com seus perfumes,
só não se pode deixar
o fogão apagar,
porque é a alma da casa..**



**Assim imagino
o concurso de sopas
das bruxas,
numa noite escura,
numa casa
mal assombrada,
cada uma
com seus sortilégios,
a vencedora ganha o direito
de trocar de vassoura.**



**Do lado de fora,
enquanto se planta,
um fogão improvisado
faz um caldo espesso
que borbulha, parece
que fala, sussurra,
e é alento para a fome
que já se avizinha.**



**Café quente no fogão
a qualquer hora,
e um pedaço de broa
de fubá, bem perfumada
de erva-doce.
Essa é a melhor maneira
de suspirar.**







**O que será que o fogo
cozinha com tanto esmero?
Será que de dentro da cesta
saíram milhos
recém colhidos
que logo serão devorados?**



**O angu saltita no fogão,
labaredas se expandem,
às vezes acariciam,
mãos certeiras sabem
se mais ou se menos
fogo
e assim a manhã caminha
rumo ao meio dia.**



**A panela e seu refogado
esperam o que vai dentro,
canjiquinha com linguiça
que acaba com qualquer
fome, as labaredas
escapam, iluminam,
parecem raios de sol.**



**Café pra família inteira
que o dia já principia,
revolver a terra, plantar,
esperar e colher,
o calendário na roça
é feito com as fases
da lua, seca e chuva,
o calendário vem do céu.**



**Tudo pronto,
tudo no lugar, banquinhos
na beira do fogão,
suporte pro coador de café,
leiteira e bule
num casamento perfeito,
as xícaras arrumadas,
esperando a sua hora,
até que todo mundo
levante da cama
e agora,
o dia já possa começar.**



**Nas cinzas do fogão,
jogue o que não presta,
raiva, mal olhado, inveja,
que o borralho apague
o que não deve
entrar na casa.**







**Cozinhar no meio
das árvores
é um acontecimento.
Um fogão bem dentro
do mato e no final
do trabalho
já está pronto o ensopado.**



**O bule vermelho conversa
com o fogo em língua
vermelha.**

**A qualquer um que passe
oferece o seu café,
para uma pausa,
um descanso, um sorriso.**

**E assim, de tarefa em tarefa,
de paradas
na beira do fogão,
o dia se desenrola
com seus perfumes
e barulhinhos.**



**Aposto que lá dentro
do escurinho da panela
de barro, com seu tempo
preguiçoso,
um cozido borbulha.
Há que saber botar
os legumes na ordem certa,
aipins e batatas, que vieram
direto da terra, bem no fim
e beterrabas, cenouras
lá no começo.
No meio, repolhos, abóbora,
couve-flor.**



**Hoje é dia de tomar café
do lado de fora
porque já é primavera
e há um perfume tão verde
e dourado no ar...
Bem-te-vis cantam
e a brisa e o fogo respondem.**



**O fogo acende os olhos
para os devaneios,
alumia os labirintos
de dentro,
alumbra desejos esquecidos.
E o perfume
que desprende,
unta a pele e recantos
esquecidos da alma.**



**Hoje tem tanta coisa
boa que nem sei nomear,
Feijão com certeza,
cheio de surpresas dentro,
e arroz bem branquinho.
Couve, batatas, farinha
de munho torrada, torresmo.
Na cartilha do fogão
só se lê delícias.**







**Olhar o fogo por dentro,
suas línguas, labaredas,
sua fome vermelha
e dourada desfazendo
a madeira,
é fascínio, estrada,
e sem saber como,
andamos pelo gume
do tempo, milhares
de anos para trás.**



**Para matar a fome,
o pouco que se come,
o que é possível colocar
na panela.**



**A majestade do fogo
se faz em qualquer lugar,
mesmo num fogão
improvisado sobre tijolos
de barro.**

**À noite o fogo aquece
e conversa com quem
lhe ateia,
e assim, acolhe e apaga
o desamparo.**



História Multimídia de Xapuri



**O fogão de barro claro,
tabatinga,
parece vestido para a festa
das comidas cozidas
em fogo lento,
como se fosse uma prece.
Enquanto isso o café
se aquece no calor
que se desprende.
Uma xícara vermelha,
outra amarela, conversam
em língua invisível
com todas as panelas.**



**Às vezes o fogão de lenha
de tão belo parece enfeitado.
Hoje descansa enquanto
a tarde se espreguiça,
recebe flores em jarros,
cestas coloridas,
brilha e pulsa no coração
da casa.**



**Pode chegar, minha gente,
hoje é dia de alegria
e comilança,
de filhos e netos na casa.
Tem galinha
ao molho pardo, arroz
com torresmo, feijão
com linguiça, aipim frito,
farofa de banana.
A avó não aparece
no poema,
ainda está no camarim.**



**A pintora não pode
mergulhar o pincel
no fogo,
mas pouco a pouco
um fogão de lenha
é construído do nada,
com tinta aquarela e tela,
e quando se olha,
se adivinha o calor
e o cheiro que a panela
exala, se ouve a lenha
quando crepita, estala.**

O quadro fala.





FICHA TÉCNICA

"FOGÃO DE LENHA"

POEMAS

Roseana Murray

IMAGEM DE CAPA

Evelyn Kligerman

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha

**Imagens capturadas gratuitamente
nos sites autorizados: Canva e Pexel**

ISBN - 978-65-996303-3-0

[CLIQUE AQUI](#)

Residência no ar edições - 2022